

eduser

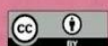
Variação do português no Amazonas: abordagem sociolinguística comparativa em quatro municípios

Amazonian Portuguese variation: a comparative sociolinguistic study of four cities

Variación del portugués en el Amazonas: enfoque sociolingüístico comparativo en cuatro municipios

**ROMÁRIO NEVES COELHO, ALÉCIO VANELI GAIGHER MARELY,
SOCORRO VIANA DE ALMEIDA, THAIS COSTA BOTELHO DE SOUZA**

ISSN 1645-4774 | e-ISSN 2183-038X
<https://www.eduser.ipb.pt>



Variação do português no Amazonas: abordagem sociolinguística comparativa em quatro municípios

Amazonian Portuguese variation: a comparative sociolinguistic study of four cities

Variación del portugués en el Amazonas: enfoque sociolingüístico comparativo en cuatro municipios

ROMÁRIO NEVES COELHO¹

ALÉCIO VANELI GAIGHER MARELY²

SOCORRO VIANA DE ALMEIDA³

THAIS COSTA BOTELHO DE SOUZA⁴

¹ Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC); Manaus; Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4176-6187>; romarioneves16@hotmail.com

² Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS/Rolante); Porto Alegre; Brasil; <https://orcid.org/0009-0004-1209-7177>; alecio.marely@rolante.ifrs.edu.br

³ Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Manaus; Brasil; <https://orcid.org/0009-0006-0744-1652>; salmeida@uea.edu.br

⁴ Faculdade Focus (FFOCUS); Manaus; Brasil; <https://orcid.org/0009-0004-3598-6655>; thais20souzaa@gmail.com

Contribuição

¹ Conceitualização; Investigação; Metodologia; Curadoria de Dados; Análise Formal; Visualização; Redação - Rascunho Original; Redação - Revisão e Edição.

² Conceitualização; Investigação; Metodologia; Curadoria de Dados; Análise Formal; Visualização; Redação - Rascunho Original; Redação - Revisão e Edição.

³ Revisão e Edição; Visualização.

⁴ Visualização; Redação - Rascunho Original; Redação - Revisão e Edição.

Submetido: 09/03/2026

Aceite: 05/08/2026

Publicado: 04/09/2026

RESUMO: Este estudo mapeia pesquisas sobre fenômenos de variação linguística em dados de fala no Amazonas, a partir de uma abordagem sociolinguística comparativa realizada em quatro municípios do estado. A investigação fundamenta-se na Sociolinguística Variacionista, proposta por Weinreich et al. (1968/2006), que compreende a variação linguística como um fenômeno sistemático, socialmente condicionado por grupos de fatores internos e externos à língua. O estudo se apoia nas contribuições de Faraco (2005, 2008), Labov (1972/2008), entre outros. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, com levantamento, sistematização e análise de estudos. Os dados foram descritos e interpretados à luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Os resultados demonstram que os estudos sociolinguísticos realizados no Amazonas concentram-se em fenômenos como *que só*, *mesmo*, a variação entre *nós* e *a gente* e aspectos fonético-fonológicos, ao mesmo tempo em que evidenciam a escassez de investigações sobre outras variáveis linguísticas da região.

PALAVRAS-CHAVE: Amazonas; Português Brasileiro; Variação Linguística; Sociolinguística.

ABSTRACT: This study maps investigations into linguistic variation phenomena in speech data from Amazonas, based on a comparative sociolinguistic approach conducted in four municipalities within the state. The research is grounded in Variational Sociolinguistics, as proposed by Weinreich et al. (1968/2006), which understands linguistic variation as a systematic phenomenon, socially conditioned by groups of factors both internal, and external to the language. The study draws on the contributions of Faraco (2005, 2008), Labov (1972/2008), among others. To achieve this objective, a bibliographic review was conducted, involving the collection, systematization, and analysis of studies. The data were described and interpreted in light of the assumptions of Variational Sociolinguistics. The results demonstrate that sociolinguistic studies conducted in Amazonas focus on phenomena such as *que só*, *mesmo*, the variation between *nós* and *a gente*, and phonetic-phonological aspects, while highlighting the scarcity of research on other linguistic variables in the region.

KEYWORDS: Amazonas; Brazilian Portuguese; Linguistic Variation; Sociolinguistics.

RESUMEN: Este estudio mapea investigaciones sobre fenómenos de variación lingüística en datos de habla en el Amazonas, a partir de un enfoque sociolingüístico comparativo realizado en cuatro municipios del estado. La investigación se fundamenta en la Sociolingüística Variacionista, propuesta por Weinreich et al. (1968/2006), que comprende la variación lingüística como un fenómeno sistemático, socialmente condicionado por grupos de factores internos y externos a la lengua. El estudio se apoya en las contribuciones de Faraco (2005, 2008), Labov (1972/2008), entre otros. Para alcanzar este objetivo, se llevó a cabo una investigación bibliográfica, con levantamiento, sistematización y análisis de estudios. Los datos fueron descritos e interpretados a la luz de los presupuestos de la Sociolingüística Variacionista. Los resultados demuestran que los estudios sociolingüísticos realizados en el Amazonas se concentran en fenómenos como *que só*, *mesmo*, la variación entre *nós* y *a gente* y aspectos fonético-fonológicos, al mismo tiempo que evidencian la escasez de investigaciones sobre otras variables lingüísticas de la región.

PALABRAS CLAVE: Amazonas; Portugués brasileño; Variación Lingüística; Sociolingüística.

1. Considerações iniciais

Esmiuçar as entranhas das formas linguísticas e sentir a sistematicidade que envolve línguas, dialetos e variedades, sem julgamento de valor, é de beleza ímpar e só pode fazer bem aos que têm essa possibilidade. Partilhar este bem constitui mais do que um dever, é uma responsabilidade social, é uma questão de cidadania. (Scherre, 2005, p. 10)

A variação linguística é um fenômeno natural e essencial para compreender a dinâmica das línguas, caracterizada pelo uso de diferentes formas linguísticas com o mesmo valor semântico em determinado contexto (Coelho *et al.*, 2018). Este artigo objetiva mapear e analisar estudos sobre fenômenos linguísticos, mais especificamente sobre variação no português falado no Amazonas, por meio de pesquisa bibliográfica. A história da Língua Portuguesa demonstra sua constante transformação, desde o latim vulgar até sua difusão como língua oficial em diversos territórios e, no Brasil, o contato entre português europeu, línguas indígenas e africanas gerou múltiplas

variantes linguísticas, cuja riqueza cultural intensificou sua pluralidade (Castilho, 2002; Faraco, 2005; Lucchesi, 2012; Severo, 2019).

As variedades linguísticas presentes nas diferentes regiões do país refletem processos históricos, sociais e culturais que contribuem para a constituição da diversidade do Português Brasileiro (PB). Nesse sentido, compreender a língua como um sistema heterogêneo e reconhecer a variação em seus diferentes níveis constitui uma forma de valorizar a riqueza linguística presente na fala amazonense.

Este artigo está organizado em seis seções: na primeira, delinea-se o objetivo do estudo e seu enquadramento teórico; a segunda seção apresenta de forma breve a Sociolinguística Variacionista, enfatizando a variação linguística na fala; na terceira, é explicitado o delineamento metodológico adotado na pesquisa; na quarta seção, procede-se à descrição dos estudos sociolinguísticos observados na região Norte, com destaque para os fenômenos investigados; na quinta, realiza-se a análise interpretativa dos estudos mapeados à luz da perspectiva variacionista; por fim, nas considerações finais, sintetizam-se os principais achados da pesquisa bibliográfica, ressaltando a relevância de uma abordagem da diversidade linguística orientada por princípios científicos e éticos.

2. Sociolinguística: considerações preliminares

A Sociolinguística Variacionista constitui um dos principais referenciais teórico-metodológicos para a compreensão da relação entre língua e sociedade, ao demonstrar que a variação linguística é inerente às línguas naturais e sistematicamente condicionada (Labov, 1972/2008; Weinreich et al., 1968/2006). Essa abordagem permite descrever padrões de uso linguístico a partir da correlação entre variantes e grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, sendo particularmente produtiva para a análise de fenômenos morfossintáticos no PB.

As primeiras noções de variação linguística partem do reconhecimento de que os falantes não usam a língua de forma homogênea, mas de maneira adaptada aos contextos sociais, regionais, históricos e situacionais. Ao sabor de Labov (1972/2008):

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. Há um certo mito popular profundamente arraigado entre os lingüistas de que, antes deles mesmos entrarem em cena, existia um grupo homogêneo, de estilo único, que realmente “falava a língua” ... Mas nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é a situação normal — a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores lingüísticos fundamentais (p. 238).

Essa diversidade resulta da atuação de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam os usos da língua em diferentes contextos de fala. A variação na fala é um conjunto de formas alternativas que identificam os indivíduos, constitui um importante marcador de pertencimento social e cultural, refletindo seus modos de vida, experiências e formas de interação (Coelho, 2024). Trata-se de uma “fala característica de determinado grupo” (Coelho et al., 2018, p. 14). Labov (1972/2008), pioneiro nos estudos da Sociolinguística, também reforça que essas variações não são erros, mas padrões regulares e sistemáticos, com regras próprias. Diferentes variações linguísticas oferecem diferentes ferramentas para a expressão de ideias. Algumas línguas ou dialetos têm palavras ou expressões únicas que capturam conceitos específicos de maneira mais precisa do que em outras línguas.

Nesse sentido, a contribuição de Tarallo (1986) é fundamental ao demonstrar que a língua varia conforme grupos de fatores como idade, gênero, classe social e região, o que torna a

variação uma característica estrutural das línguas naturais. À luz do que propõe Labov (1972/2008), cada variação linguística carrega consigo elementos culturais específicos. Por exemplo, expressões idiomáticas e gírias refletem valores, crenças e práticas de uma determinada comunidade. Ao aprender e usar essas variações, as pessoas internalizam essas perspectivas culturais, o que enriquece seu entendimento e apreciação da diversidade cultural (Weinreich et al., 1968/2006).

A variação não ocorre de maneira aleatória e livre, mas é ordenada por variável dependente e variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas). Coelho *et al.* (2018) descrevem esses condicionadores da seguinte maneira:

são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) “rival(is)”. Os condicionamentos ajudam o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos da língua ou externos a ela (p. 20).

Os autores destacam a importância do controle rigoroso dos condicionadores em uma pesquisa sociolinguística, porque eles determinam o ambiente linguístico com a maior probabilidade de uso entre duas variantes. Com esses parâmetros, o pesquisador poderá apontar tendências de uso da variante. Os condicionadores estão relacionados à estrutura externa e interna da língua. Dentre os condicionadores externos, uma pesquisa sociolinguística pode controlar, por exemplo: sexo/gênero, faixa etária (Paiva, 2007; Votre, 2007).

A exposição a diferentes variações linguísticas aumenta o repertório linguístico do falante. A habilidade de utilizar esses recursos é se tornar “um poliglota dentro de sua própria língua nacional” (Bechara, 2009, p. 25). Usar uma variação linguística particular pode reforçar o sentimento de pertencimento a uma comunidade específica. Esse vínculo fortalece a coesão social e influencia a forma como as pessoas pensam sobre si mesmas e seu lugar no mundo Labov (1972/2008).

3. Procedimentos metodológicos da pesquisa

Esta pesquisa é um estudo bibliográfico, de natureza qualitativa e interpretativa, ancorado na Sociolinguística Variacionista proposta por Weinreich et al. (1968/2006). O percurso metodológico foi estruturado a partir das seguintes etapas:

- I. Delimitação e fontes: pesquisas sociolinguísticas sobre fenômenos variáveis do português falado no Amazonas. Bases consultadas: repositório do Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas (GELAM), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Estadual do Amazonas (UEA), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Periódicos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library On-line (SciELO) e Google Acadêmico;
- II. Critérios de seleção: inclusão: publicações dos últimos 11 anos com foco em Sociolinguística, fenômenos linguísticos e variação.
- III. Procedimentos: busca por meio das palavras-chave Amazonas, Português Brasileiro, variação e Sociolinguística. Inicialmente, foram identificados 18 estudos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, cinco trabalhos foram selecionados para análise preliminar. Em revisão posterior do corpus, um dos estudos foi excluído por não apresentar fundamentação sociolinguística compatível com os objetivos da pesquisa, resultando em um corpus final de quatro estudos;

- IV. Limitações: o estudo restringe-se aos materiais disponíveis nos repositórios acessados, podendo haver trabalhos relevantes não digitalizados ou de difícil acesso.

4. Variáveis sociolinguísticas no Amazonas

No Amazonas, estudos como os de Almeida et al. (2023), Cavalcante e Martins (2021), Rodrigues e Castro (2019) e Coelho (2024) têm sido realizados com atenção voltada à fala, com a finalidade de compreender a relação entre fenômenos linguísticos e variação na região do Amazonas. Na Tabela 1, apresentamos os quatro estudos, objeto de análise deste artigo, sobre diferentes fenômenos linguísticos realizados no Amazonas.

Tabela 1

Síntese dos fenômenos linguísticos investigados.

Região Norte	Rodrigues e Castro (2019)	Cavalcante e Martins (2021)
Localidade	Maués-AM	Tabatinga-AM
Fenômeno investigado	Expressão <i>que só</i>	Item <i>mesmo</i> funções e significados no português
Corpus	Pesquisa qualitativa com 16 informantes divididos por gênero, escolaridade (do 6º ao 9º do ensino fundamental II) e faixa etária (11 a 15 anos).	A pesquisa contou com 18 informantes, homens e mulheres, distribuídos em três faixas etárias (18–30, 31–50 e acima de 50 anos) e três níveis de escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior).
Resultados gerais	80% dos informantes não utilizam a expressão <i>que só</i> e apenas 19% usam.	80 ocorrências do item <i>mesmo</i> com diferentes funções e significados: advérbio reforçador.
Condicionadores linguísticos		Maior frequência quando a <i>predicação relacional é de processo</i> (43,8%); Seguida de predicação nominal e predicação nominal atemporal com (28,1%).
Condicionadores extralinguísticos	Gênero: tanto homens (50%) quanto mulheres (50%) utilizam <i>que só</i>. Escolaridade: a expressão teve realização de 50% no 8º e 25% no 9º ano e nenhuma realização no 6º e 7º ano. Faixa etária: apenas alunos de 14 a 15 utilizaram a expressão <i>que só</i> (25%).	Sexo: item <i>mesmo</i> como atributivo (mulheres: 09, homens: 02 ocorrências); como reforçador (homens: 32, mulheres: 36 ocorrências). Escolaridade: é <i>mais frequente</i> como reforçador entre informantes com escolaridade baixa (29 ocorrências, 50%). <i>Menos frequente</i> entre os com escolaridade alta (16 ocorrências, 27,6%), ens. superior (13 ocorrências, 22%). Faixa etária: <i>mais frequente</i> na fala dos jovens de 18 a 30 anos (24 ocorrências, 41,4%). <i>Menos frequente</i> entre os mais velhos de 31-50 anos (16 ocorrências, 27,6%) e + 50 anos (18 ocorrências, 31%).
Fenômeno investigado	Variação linguística em nível fonético-fonológico	Variação entre <i>nós/a gente</i> na posição de sujeito
Corpus	Entrevista sociolinguística com 12 informantes estratificados por sexo (masculino e feminino); escolaridade (baixa e alta) e faixa etária (18–30 e 45–80 anos).	16 informantes, distribuídos por sexo/gênero: masculino e feminino; faixa etária: 25-59 anos e acima de 60 anos; escolaridade: baixa (sem escolaridade ou até o 5º ano do ensino fundamental I) e alta (ensino fundamental II até o ensino médio).

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Tabela 1 (continuação).

Síntese dos fenômenos linguísticos investigados.

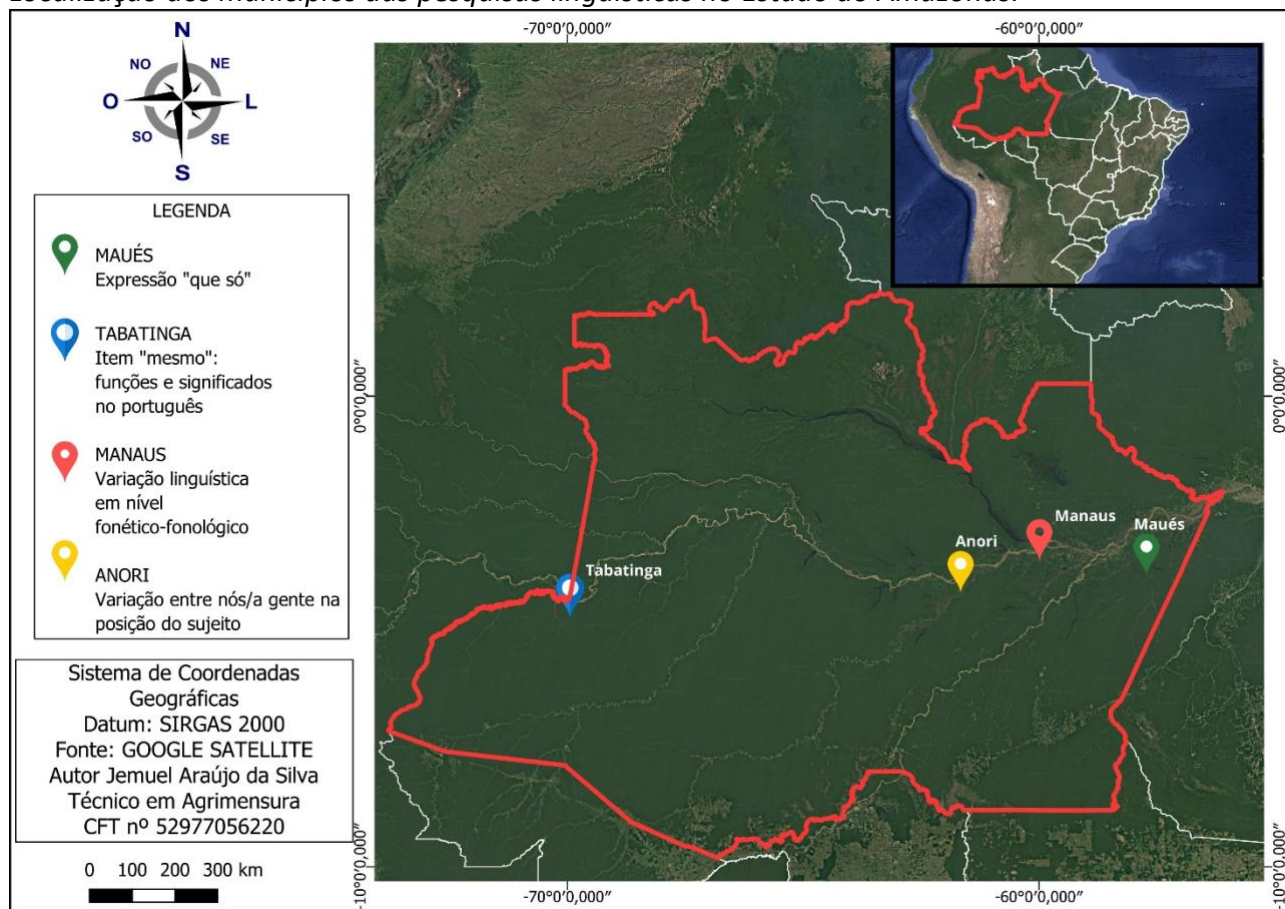
Região Norte	Almeida et al. (2023)	Coelho (2024)
Localidade	Manaus-AM	Anori-AM
Resultados gerais	100% de ocorrências de <i>diferentes fenômenos</i> linguísticos.	Das 1.351 ocorrências, <i>a gente</i> ocorreu em 64% (864) e <i>nós</i> em 36% (437) em função sujeito.
Condicionadores linguísticos	Monotongação (28%); Assimilação (13%); Síncope/Apócope (14%); Metátese (15%); Realização de proparoxítona como paroxítona (10%); Rotacismo (8%); Realização de vogais e, o átonas pretônicas (12%).	Preenchimento do sujeito: favorecimento de <i>a gente</i> com sujeito preenchido (0,56) e desfavorecimento em sujeito nulo (0,17). Tempo verbal: favorecimento de <i>a gente</i> nos seguintes tempos verbais: - Pretérito imperfeito do subjuntivo (PR 0,82); - Futuro do presente (0,82); - Presente do subjuntivo (0,60); - Presente do indicativo (0,59). Referência do pronome: <i>a gente</i> é favorecido com referente indeterminado (0,68) e desfavorecido com referentes mais específicos: - eu + eles (nível 4; 0,47); - eu + ele (nível 3; 0,40); - eu + você (nível 1; 0,13). Paralelismo entre os sujeitos: <i>a gente</i> é favorecido em contextos com paralelismo (0,55) e desfavorecido em contextos sem paralelismo (0,41).
Condicionadores extralinguísticos	Faixa etária de 45 a 80 anos tende a realizar formas como <i>pranta</i> (25%), <i>homi</i> (67%) e <i>travisseru</i> (100%). Escolaridade: os menos escolarizados ou não escolarizados utilizam as formas <i>adevogadu</i> (33%), <i>passagi</i> (92%) e <i>caxa</i> (100%).	Faixa etária: a faixa de 25 a 59 anos favoreceu o uso de <i>a gente</i> (0,66) e de mais de 60 anos o desfavoreceu (0,26) Escolaridade: favorecimento de <i>a gente</i> entre informantes com escolaridade alta (0,66) e desfavorecimento em baixa escolaridade (0,32). Localidade: a zona urbana de Anori favorece <i>a gente</i> (0,54), enquanto a zona rural desfavorece (0,44).

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Os estudos, descritos na Tabela 1, abordam fenômenos linguísticos a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Foram organizados cronologicamente e apresentados segundo as localidades pesquisadas, os fenômenos analisados, o corpus utilizado, os resultados gerais, bem como os condicionadores linguísticos e extralinguísticos observados. Na figura 1, ilustramos os locais onde as pesquisas foram realizadas.

Figura 1

Localização dos municípios das pesquisas linguísticas no Estado do Amazonas.



Fonte: Silva (2026).

O critério de seleção adotado buscou evidenciar uma lacuna temporal entre os estudos, permitindo uma comparação mais ampla e crítica sobre a continuidade e as mudanças presentes nas investigações ao longo do tempo.

5. Resultados e discussão

Os trabalhos apresentados no Quadro 1 configuram um quadro interpretativo da variação linguística na região, ao examinarem variáveis sociolinguísticas sob a perspectiva do condicionamento linguístico e extralinguístico. A abordagem teórico-metodológica da *Sociolinguística Variacionista* contribui para compreender a distribuição sistemática das variáveis e variantes linguísticas nas comunidades de fala analisadas.

O primeiro estudo selecionado foi o de Rodrigues e Castro (2019), intitulado *Análise sociolinguística da expressão que só na fala de estudantes de uma escola no município de Maués-AM*. Utilizou o método de estudo de caso, tendo como universo da pesquisa 16 alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, homens e mulheres residentes na zona urbana da cidade. Os resultados demonstraram que a expressão *que só* não foi utilizada por alunos dos 6º e 7º anos (0%), embora tenha sido registrada em 50% dos alunos do 8º ano e 25% do 9º ano. Embora os índices sejam relativamente baixos, os autores destacam que a expressão é empregada em Maués, assim como em outras regiões do Brasil. Em Maués, funciona como um intensificador de algo a ser reforçado pelo falante, como em "estou cansado que só" e "estou triste que só" ou com uso de exclusividade, como em "uma pessoa que só quer ser". Na região Nordeste, também se

observa o uso dessa variante com valor quantitativo, como em “tem gente que só a peste” e “tem gente que só” (Rodrigues & Castro, 2019, p. 17).

Na pesquisa de Cavalcante e Martins (2021), intitulada *Sociolinguística Cognitiva: um outro olhar para a variação linguística*, os autores investigaram os usos e funções do item *mesmo* em dados de fala de 18 informantes, divididos por gênero, escolaridade (ensino fundamental, médio e superior) e faixas etárias (18–30, 31–50 e acima de 50 anos), todos naturais de Tabatinga, Amazonas. Os resultados indicam que o uso do item *mesmo* varia de acordo com o gênero e apresenta funções reforçadoras, isto é, com uso de “advérbios realmente, de fato” (p. 173), em todos os níveis de escolaridade. A frequência de uso é maior entre jovens de 18 a 30 anos (41,4%), o que sugere uma relação com a informalidade e as variantes não prestigiadas do português, seguida por indivíduos de 31 a 50 anos (27,6%) e acima de 50 anos (31%). Quanto ao condicionador linguístico, destaca-se o uso mais recorrente de *mesmo* como reforçador de lugar, vejamos: “era *aqui mesmo* no local que chama Terezina 4 ... e ... você conhece alguma lenda histórica daqui de Tabatinga ou do Amazonas? ... *conheço mesmo*” (Cavalcante & Martins, 2021, p. 176).

No estudo de Almeida et al. (2023), intitulado *Estudo de ocorrências de fenômenos linguísticos no falar manauara*, os autores analisaram ocorrências de variações linguísticas, em nível fonético-fonológico. A pesquisa contou com 12 informantes naturais de Manaus (6 homens e 6 mulheres), divididos em dois grupos etários: 18–30 anos e 45–80 anos, incluindo alfabetizados do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e não alfabetizados.

Na Tabela 2, apresentamos as ocorrências presentes nos resultados de Almeida et al. (2023).

Tabela 2

Ocorrências presentes nos resultados de Almeida et al. (2023).

Fenômenos	Percentual	Português Padrão	Português Não Padrão	Transcrição fonética
Monotongação	28%	Caixa	<i>Caxa</i>	[‘kaʃa]
Assimilação	13%	Mesma	<i>Merma</i>	[‘merma]
Síncope/apócope	14%	Homem	<i>Homi</i>	[‘õmi]
Metátese	15%	Braquilha	<i>Barguilha</i>	[ba’gĩla]
Realização de proparoxítonas como paroxítonas	10%	Árvore	<i>Ávri / árvri</i>	[‘avri] [‘arvri]
Rotacismo	8%	Planta	<i>Pranta</i>	[‘prãta]
Redução vocálica em átonas pretônicas	12%	Travesseiro	<i>Travisseru</i>	[travi’serU]

Fonte: adaptado de Almeida et al. (2023, p. 7).

A partir da Tabela 2, observa-se que as ocorrências refletem “a variação encontrada nas línguas” (Kato, 2002, p. 10). Pode-se, nesse sentido, afirmar que a variação nas línguas se deve em grande parte a componentes fonológicos (Kato, 2002). Além disso, fatores sociais, como escolaridade e faixa etária, influenciaram as variantes não padrão. Indivíduos menos escolarizados e mais idosos apresentaram formas como *pranta*, *homi* e *travisseru*, evidenciando o impacto do contexto social na variação.

O último estudo apresentado é o de Coelho (2024), intitulado *Um olhar sociolinguístico sobre a variação nós/a gente no falar anoriense (AM)*. O estudo, realizado com 16 informantes da região de Anori, estratificados de acordo com *sexo/gênero, faixa etária e escolaridade*, revelou, de maneira geral, que, das 1.351 ocorrências de P4 na função de sujeito, *a gente* ocorreu em 64% (864) e *nós* em 36% (437).

Para a análise dos dados, Coelho (2024) utilizou o programa GoldvarbX. Foram controlados

os seguintes grupos de fatores linguísticos — *preenchimento do sujeito, referência do pronome (eu-ampliado), marca morfêmica do verbo, tempo verbal e paralelismo entre sujeitos, saliência fônica, posição do pronome em relação ao verbo* — e extralinguísticos — *sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e localidade*. O programa mostrou como estatisticamente relevantes, após os devidos amálgamas e exclusões de fatores e variáveis, para o uso da variante *a gente*, as seguintes variáveis, em ordem de seleção: *faixa etária, escolaridade, preenchimento do sujeito, tempo verbal, referência do pronome, paralelismo entre os sujeitos e localidade*.

Quanto à variável extralinguística *faixa etária*, os mais jovens — 25 a 59 anos — favorecem o uso de *a gente* (0,66), como em (01), enquanto os mais velhos — mais de 60 anos — a desfavorecem (0,26), a exemplo de (02).

(01) na juventude eu gostava de jogar bola... a gente gostava de jogar bola... --brincar... assim... a gente brinissocava muito... brincadeiras que hoje a gente já num vê mais::: ... a juventude:: de hoje a gente vê mais::: no celular... a gente já não vê mais crianças brincar (F1BU02¹).

(02) nós... -- o papai tirava açaí... nós fazia farinha... fazia pra -- plantava roça...eu mais a minha mãe... nesse tempo minha mãe era nova... mas inda tenho a minha mãe viva... mas meu pai não tenho mais não (F2BU06²).

Com relação à variável *escolaridade*, os anorienses mais escolarizados — ensino fundamental até o ensino médio — favorecem o uso de *a gente* (0,66), como em (03), ao passo que os menos escolarizados a desfavorecem (0,32), como em (04) e (05), respectivamente.

(03) então... a gente foi acostumada naquele momento:: ... aí:: ... quando passô a energia... nós continuamos com o mesmo hábito:: ... então... quando a gente vai assistir TV... vai todo mundo assistir TV (F1AR12³).

(04) meus neto tão precisando de faculdade aqui... olha onde está minha neta... isso que a gente precisa para cá... uma faculdade... uma diversidade pra pessoa puder butar os neto pra estudar ... filho eu não tenho mais... meus filhos todos são formados... graças a Deus (F2BU06⁴).

(05) Mas graças a Deus:: que nós casemu... dia 18 de junho:: ... casemu católico... aí... casemos civil... agora pra casar civil... nós casemo quando -- foi pra nós se batizar... que eu já estava com o X pequeno... o X era pequeno quando nós se batizemo... lá no porto do irmão X que nós fomo casar (F2BR14⁵).

Quanto à variável linguística *preenchimento do sujeito*, a forma *a gente* foi favorecida quando o sujeito está preenchido (0,56), como em (06), e desfavorecida quando está nulo (0,17), conforme (07).

(06) PORque::: graças a Deus que nós tamo aqui... é um lugar muito bom... graças a Deus a gente vive bem com os vizinho... GRAças a Deus... né? a gente num tem raiva de ninguém... ninguém vevi mexendo com a gente (F2BR14⁶).

(07) Só que ela começou a sentir dor em outro lugar::: ... né... do corpo dela... era uma dor na coluna... no braço... aqui atrás::: ... e aí a gente achava que era... lá... uma dor... -- sim... Ø achava que era isso... (F1AU04⁷).

No que tange ao *tempo verbal*, a forma *a gente* é favorecida no pretérito imperfeito do

¹ Feminino, 25–59 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori.

² Feminino, +60 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori.

³ Feminino, 25–59 anos, alta escolaridade, zona rural de Anori.

⁴ Feminino, +60 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori.

⁵ Feminino, +60 anos, baixa escolaridade, zona rural de Anori.

⁶ Feminino, +60 anos, baixa escolaridade, zona rural de Anori.

⁷ Feminino, 25–59 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

subjuntivo (0,82), como no exemplo (08); no futuro do presente do indicativo (0,82), conforme (09); no presente do subjuntivo (0,60), como em (10); e no presente do indicativo (0,59), segundo o exemplo (11).

Pretérito imperfeito do subjuntivo:

- (08) era muito bom se... se... por acaso... a gente tivesse um tio rico... viesse um recurso pra Anori... através... pelo meno... do prefeito... que os prefeitos que entram ele não olham... por... esse escoamento d'água... fica tudo represado e aí a gente sofre muito... até pela água ruim... cheiro da água... FEio... chêro da água ruim mermo... que aí fica até... provoca... as vez... cum tanta agua suja (M2AU07⁸).

Futuro do presente do indicativo:

- (09) então assim:: a gente planta muito... passeia:: a gente gosta de viajar... conhecer outros lugares a gente... final de ano... por exemplo... a gente vai ter⁹o nosso momento com a família tudo mais... mas já está na lista e conhecer exatamente outros lugares... (F1AR12¹⁰).

Presente do subjuntivo:

- (10) que a gente:: esteja satisfeito... com tudo que a gente conseguiu... realizar nesse final de ano... e conseguir para o próximo... ano... (F1AU04¹¹).

Presente do indicativo:

- (11) assim... tem uns que é pra fazer realmente um plantio... né? esses aí a gente concorda... mas eu vejo que a grande maioria desses incêndios são de pessoas que fazem de forma criminal mesmo (M1AU03¹²).

No que se refere à *referência do pronome*, a variante *a gente* é favorecida quando seu referente é [-determinado] (eu + todos; 0,68), conforme o exemplo (12), ao passo que, quando o referente vai ficando menos genérico, ocorre o desfavorecimento da aplicação da regra, como em eu + eles (0,47), como em (13), eu + ele (0,40), exemplos (14) e (15), e eu + você (0,13), exemplos (16) e (17). A seguir, ilustramos esses resultados:

Eu + todos [-determinado]:

- (12) meu ()... ééé... aqui na cidade de Anori... a gente tá **(o informante se refere a todos os munícipes)**... precisANDO de... de muitos objetivo... pelo meno... de escoação d'água que nós num temo... as águas vive todo preso... pela saí... num tem sarjeta e a gente passa muita dificuldade com essas água parada... fechada as saída (M2AU07¹³).

Eu + eles [-determinado]:

- (13) sempre assim... e então... a gente ia fazer **(a informante se refere às suas amigas)** cabanas:: dentro das roças... e aí... a gente ia brincar de culinária... de gastronomia... assim que fazia melhor comida... e aí... as pessoas que a gente recebia eram os nossos colegas... era a maior diversão ((risos)) (F1AR12¹⁴).

Eu + ele [+determinado]

- (14) é... eu acho que a gente tem que levar ele junto com a gente eu acho que o que torna mais fácil é tudo uma questão de conversa... né... nós temos a mesma ideia... eu e o X **(a informante se refere ao seu esposo)**... a gente não diverge quanto a igreja...

⁸ Masculino, +60 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

⁹ No exemplo, consideramos os grupos verbais ir + infinitivo como *expressão de futuridade*, tal como discutido por Bandeira e Ramos (2019).

¹⁰ Feminino, 25–59 anos, alta escolaridade, zona rural de Anori.

¹¹ Feminino, 25–59 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

¹² Masculino, 25–59 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

¹³ Masculino, +60 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

¹⁴ Feminino, 25–59 anos, alta escolaridade, zona rural de Anori.

entendeu? a gente tem a nossa vida sim... muito importante... porque é tipo assim... dia de sábado e domingo a gente tem que ir para a igreja... então a gente não tem... tipo assim... tu não vai para a igreja hoje não? a gente não tem isso... entendeu? não... deu o horário todo mundo está se arrumando... não tem esse problema... (F1AU04¹⁵).

- (15) quando eu olhei... distância assim dos 200 metros... o Jaú boiou lá embaixo... cara... em cima d'água... nadando... ele disse pra mim (**o informante se refere ao seu parceiro de pesca**) ... e agora o que qui... nós faz? eu disse... agora tu funciona a ronda... nós joga essa rede de volta no rumo desse peixe (M1BR09¹⁶).

Eu + você [+determinado]:

- (16) rapaz... éh: ... até porque a gente num sabe (**o informante se refere ao pesquisador**) quem é que toca esses fogo... né? é... muito difícil a gente saber (M1BU01¹⁷).
- (17) rapaz... num mundão que nem esse que nós tamó vivo... (**o informante se refere ao pesquisador**). a gente::: ...--eu como pai...posso dizer assim:: né? quando tu sai da porta de casa que tu olha pum lado e pra ôtro... tu já vê perigo de todos os lados (M1BU01¹⁸).

Quanto à variável *paralelismo linguístico*, a variante *a gente* é favorecida em contextos de paralelismo (0,55), como em (18), e desfavorecida em contextos de não paralelismo (0,41), conforme (19).

Com paralelismo:

- (18) como a gente foi criado dessa forma... a nossa diversão era com poucas coisa... então... a gente... a gente... na juventude... a gente às vez chamava pra ir jogar bola... chamava pra ir pescar... tudo isso era diversão a gente se juntava os grupos lá... a gente saía (M1AU03¹⁹).

Sem paralelismo:

- (19) é... brincar... a gente brincava muito... aonde nós morava era onze primo... aí ... nesse tempo era bêra de lago... pescaria... a gente ia pescar e quando chegava... a gente ia treinar capoeira... lutar... capoeira é uma luta que o cara dá a tesoura... dá a (rastêra)... joga o outro quebrado por trás (M2AU07²⁰).

E, por fim, no que se refere à variável *localidade*, os anorienses da zona urbana favorecem o uso de *a gente* (0,54), como em (20), enquanto os da zona rural a desfavorecem (0,44), segundo o exemplo (21).

Zona urbana:

- (20) quando lembro do baião... a gente diz... logo que a gente vai comer um outro... diz... ah::: não é que nem o do vovô... num é que nem o do vovô... não sai... quase... chegava lá... mas não era (M1AU03²¹).

Zona rural:

- (21) ela dizia que nós estaríamos... entre assim... com a mente mais aberta pra aprender... né ((risos)) então... quando nós chegava... depois que nós chegava da escola::: aí... tinha o momento do almoço::: do banho:: e ela ia ensinar a atividade de casa (F1AR12²²).

¹⁵ Feminino, 25–59 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

¹⁶ Masculino, 25–59 anos, baixa escolaridade, zona rural de Anori.

¹⁷ Masculino, 25–59 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori.

¹⁸ Masculino, 25–59 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori.

¹⁹ Masculino, 25–59 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

²⁰ Masculino, +60 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

²¹ Masculino, 25–59 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

²² Feminino, 25–59 anos, alta escolaridade, zona rural de Anori.

Com base no levantamento realizado, constata-se que os estudos de Cavalcante e Martins (2021), Almeida et al. (2023), Rodrigues e Castro (2019) e Coelho (2024) abordam fenômenos linguísticos em diferentes níveis de análise e em distintas regiões do Amazonas. O estudo de Cavalcante e Martins (2021) fundamenta-se na Sociolinguística Cognitiva, enquanto os demais adotam os pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Em conjunto, essas pesquisas oferecem um panorama das variedades linguísticas investigadas no Amazonas.

Os estudos, desenvolvidos na perspectiva da Sociolinguística, abordam diferentes fenômenos linguísticos variáveis do português. Apesar dos avanços alcançados, as pesquisas analisadas representam apenas uma pequena amostra da diversidade linguística da região Norte, indicando a necessidade de novas investigações sobre fenômenos ainda não descritos ou pouco explorados. Assim, esses trabalhos contribuem para ampliar o conhecimento sobre a variação linguística na região e abrem caminhos para pesquisas futuras.

Considerações finais

Este artigo objetivou mapear investigações recentes sobre variação linguística no Amazonas, destacando fenômenos linguísticos em nível fonético-fonológico, morfosintático e lexical com base na Sociolinguística. A revisão bibliográfica realizada permitiu identificar grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação na região Norte, bem como a diversidade de fenômenos linguísticos falados nas regiões de Maués, Tabatinga, Manaus e Anori.

Os resultados confirmam que o português falado no Amazonas se organiza segundo padrões de heterogeneidade estruturada, nos termos da Sociolinguística Variacionista, evidenciando que as variáveis analisadas apresentam condicionamento sistemático por grupos de fatores linguísticos (contexto fonológico, categoria gramatical, preenchimento do sujeito, tempo verbal, referência do pronome e paralelismo entre os sujeitos) e extralinguísticos (faixa etária, escolaridade e localidade), que se mostraram favorecedores da variação linguística. A comparação diatópica permitiu identificar convergências e especificidades locais, revelando que a variação constitui um mecanismo constitutivo da gramática em uso e marcador de identidades socioterritoriais.

Retomam-se aqui as considerações de Scherre (2005), mencionadas na introdução deste artigo: “partilhar este bem constitui mais do que um dever, é uma responsabilidade social, é uma questão de cidadania” (p. 10). Entendemos, nesse contexto, o “bem” como língua em seus mais diversos níveis de variação linguística.

Em síntese, compreende-se a variação linguística como um fenômeno sistemático e inerente às línguas naturais, marcado pela influência de grupos de fatores sociais, regionais, históricos e situacionais. Acredita-se que essa heterogeneidade não representa falhas ou desvios, mas expressa a dinâmica das práticas linguísticas em contextos reais de uso. Ao adotar essa perspectiva, alinhada aos estudos da Sociolinguística, reconhece-se a variação como elemento central para a análise da linguagem em sua dimensão social.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES, Código de Financiamento 001.

Referências

- Almeida, S. V., Coelho, R. N., & Marely, A. V. G. (2023). Estudo de ocorrências de fenômenos linguísticos no falar manauara. *Uniletras*, 45, 1–16. <https://doi.org/10.5212/Uniletras.v45.22065.2023>
- Bandeira, G. dos A. F., & Ramos, R. F. (2019). Expressões de futuridade em cartas manuscritas do século XIX. *Moara*, 54, 260–280. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8161>

- Bechara, E. (2009). *Moderna gramática portuguesa* (37ª ed.). Lucerna.
- Castilho, A. T. (2002). Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In M. Bagno (Org.), *Linguística da norma* (pp. 27–36). Loyola.
- Cavalcante, M. S., & Martins, F. S. (2021). Sociolinguística cognitiva: Um outro olhar para a variação linguística. *Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades*, 9(1). <https://doi.org/10.29327/210932.9.1-9>
- Coelho, I. L., Görski, E. M., Souza, C. M. N. de, & May, G. H. (2018). *Para conhecer sociolinguística*. Contexto.
- Coelho, R. N. (2024). *Um olhar sociolinguístico sobre a variação nós/a gente no falar anoriense (AM)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas]. <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/10572>
- Faraco, C. A. (2005). *Linguística histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas* (12ª ed.). Parábola Editorial.
- Faraco, C. A. (2008). *Norma culta brasileira: Desatando alguns nós*. Parábola Editorial.
- Kato, M. (2002). A evolução da noção de parâmetro. *D.E.L.T.A.*, 18(2), 309–337.
- Labov, W. (2008). *Padrões sociolinguísticos* (M. Bagno, M. M. P. Scherre, & C. R. Cardoso, Trans.). Parábola Editorial. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lucchesi, D. (2012). A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. *Estudos de Linguística Galega*, 4, 45–65. <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/403>
- Paiva, M. da C. de. (2007). A variável gênero/sexo. In M. C. Mollica & M. L. Braga (Orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação* (pp. 33–42). Contexto.
- Rodrigues, M. O. dos S., & Castro, F. R. M. de. (2019). *Análise sociolinguística da expressão “que só” na fala de estudantes de uma escola no município de Maués-AM* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Estado do Amazonas]. Repositório Institucional da Universidade do Estado do Amazonas. <https://ri.uea.edu.br/handle/riuea/5431>
- Scherre, M. M. P. (2005). *Doa-se lindos filhotes de poodle: Variação linguística, mídia e preconceito*. Parábola Editorial.
- Severo, C. G. (2019). Línguas e heranças africanas no Brasil: Articulando política linguística e sócio-história. *Revista da ABRALIN*, 17(2). <https://doi.org/10.25189/rabralin.v17i2.483>
- Silva, J. A. (2026). *Distribuição geográfica dos estudos sociolinguísticos analisados no estado do Amazonas* [Mapa].
- Tarallo, F. (1986). *A pesquisa sociolinguística* (2ª ed.). Ática.
- Weinreich, U., Labov, W., & Herzog, M. (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (M. Bagno, Trad.; C. A. Faraco, Rev. téc.). Parábola Editorial. (Trabalho original publicado em 1968)
- Votre, S. J. (2007). Relevância da variável escolaridade. In M. C. Mollica & M. L. Braga (Orgs.), *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação* (3ª ed., pp. 51–57). Contexto.